

Preocupado com a decadência portuguesa, conhecedor da filosofia de Bergson, influenciado por Carlyle e Sorel, Fernando Pessoa é «muito mais inteligente do que esse louco visionário criador de impérios espirituais ou linguísticos» — sustenta o autor, respondendo à questão

Que mito o da Mensagem?

Onésimo Teotónio de Almeida

Se não erro a conta, são já quatro as recentes edições de *Mensagem*. Para uma obra sobre a qual durante muitos anos pouco se escreveu e sobre a qual até se evitava falar, não deixa de ser curioso este inusitado interesse.

Ao analisar, porém, os prefácios ou notas introdutórias dessas edições, bem como os poucos comentários críticos que ao longo dos anos sobre essa obra foram sendo feitos, fica-se com a sensação nítida de que as duas correntes de opinião que desde o princípio sobre ela se estabeleceram ainda prevalecem: uma advoga uma leitura quase literal e faz de Pessoa um louco visionário que acredita no Quinto Império e se imagina D. Sebastião surgido para regenerar a pátria. A outra, sugere uma leitura mítica, sem todavia explicitar de que tipo de mito se trata.

Em 1981, num Congresso em Seattle, Washington, esbocei uma tentativa de interpretação de *Mensagem* à luz dos textos «sociológicos» de Pessoa hoje divulgados, ajudado pelas diversas exegeses da obra acima referidas. Trata-se de uma leitura pessoal que engloba hipóteses que se assinalam como tal. O pano de fundo é, porém,

o de procurar captar a visão global de Pessoa sobre Portugal, o seu passado, o presente — o dele, evidentemente — e o Futuro, no contexto de um estudo mais vasto sobre a busca ôntica da Portugalidade e a questão da identidade nacional, uma revisitação de temas recorrentes na história intelectual portuguesa e que terá por título *A Obsessão da Portugalidade*.

Esse capítulo acabou por sair em volume separado (*Mensagem — Uma Tentativa de Reinterpretação*, Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1987), mas infelizmente a distribuição nacional dos livros editados nos Açores ainda é limitada, e por isso só muito lentamente essa proposta de interpretação vai sendo conhecida. Daí que, ao responder ao pedido de colaboração do JL, tenha optado por dar aqui o essencial da tese desenvolvida nesse livro, já que não faria sentido continuar aspectos dele, se no seu fundamental ele é quase desconhecido.

Com o risco de simplificar não já a *Mensagem*, mas este próprio artigo, atrevo-me a sintetizar algumas das conclusões que são sugeridas nesse volume:

1.º Fernando Pessoa ter-se-á preocupado mesmo a sério com a situação da decadência por-

tuguesa e terá sonhado fazer algo pelo ressurgimento nacional.

2.º Influenciado por Carlyle, terá vindo a conceder uma sociedade em que uma aristocracia de heróis, entre os quais o poeta é o maior, desempenha um papel motor no processo evolutivo dum povo... «o mais alto lugar é do poeta».

3.º Conhecedor da filosofia de Bergson, tem-na como pano de fundo (é naturalmente difícil estabelecer-lhe o grau de influência) nos seus aspectos de criatividade, estado de tensão contínua, de assumir o passado que desemboca num futuro de largos horizontes e profundamente superior, espiritual.

4.º Provavelmente conhecedor do mito da greve geral proposto por Sorel como solução para se sair do inactivismo decadentista, Pessoa ter-se-á servido do modelo adaptando a ideia à situação portuguesa, mas seguindo-o de perto: o mito deve ter raízes populares (daí o ter ido buscar o Sebastianismo e as bases do «nacionalismo» elaboradas pela «Nova Renascença»); deve apontar para um futuro iminente, próximo, ainda que não se saiba nem se define exactamente quando; o mito deve ser descrito em termos vagos, misteriosos, de modo a exercer apelo sobre as pessoas — daí o nevoeiro, a utilização da simbolo-

gia hermética, para mais apresentado na expressão máxima do encontro entre o símbolo, a palavra e a ideia, que ele crê ser a poesia; não importa que o mito seja inatingível (claro que não pode sê-lo), mas, no processo dinâmico de se lá chegar, operam-se, criam-se, realizam-se actos impossíveis sem esta tensão. Daí a recuperação do Quinto Império, também uma ideia bastante «nacional» transformando-o num império espiritual para parecer possível e simultaneamente ser inatingível. Criar um mito anunciando um novo império material não seria acreditável para ninguém nem Pessoa achava ser isso sequer um bom ideal para o povo português.

Se a hipótese que aí fica se confirma, então não se deverá mais supor que Pessoa foi ingénio ao acreditar no Quinto Império (por mais voltas e explicações que se lhe tenha querido dar), nem muito menos se terá visto como a encarnação de D. Sebastião. Do mito em termos sorelianos fazem parte todos esses elementos que o mito pessoano apresenta e, à luz desse modelo, não há que interpretá-los mais nem à letra nem muito menos se deverá esmiuçar-lhes o conteúdo, uma vez que o carácter misterioso do que vai acontecer, bem como o tempo, são elementos psicológicos fulcrais e *sine qua non* para que o

mito seja eficaz. Pessoa, nesse aspecto, deveria ter sido bergsonianamente de mais para se arrogar o direito de indicar um plano, descrever o futuro. O importante era redimensionar as energias e redimensioná-las numa tensão criadora do que quer que fosse para se sair do nihilismo retrógrado, improdutivo e podre em que se encontrava o país.

Num *puzzle* — e Pessoa é um grande e complexíssimo *puzzle* feito de outros *puzzles* menores — as propostas de solução mais aceitáveis deverão ser aquelas que respondem a todas, quase todas ou, pelo menos, ao maior número de dificuldades com ele relacionados. Nesse ensaio procurei enfrentar uma por uma essas dificuldades e não irei aqui repetir esse processo. Mencionarei apenas que, visto por esta perspectiva, faz sentido a afirmação de Pessoa a Casais Monteiro de que era um «sebastianista racional», como suponho poder compreender-se agora melhor o famoso verso do poema «Ulisses», «o mito é o nada que é tudo».

Até ao momento da publicação desse ensaio, porém, nunca conseguira nenhuma prova de que Fernando Pessoa conhecesse a obra de Sorel. O nome nunca aparecera referido por Pessoa e nenhum crítico apontara essa ligação. Hoje, essa última peça do *puzzle* foi encon-

trada graças às colaborações do engenheiro Francisco Peixoto Bourbon, benjamim da tertúlia que Pessoa reunia no Café Montanha. Ao ler essa minha tentativa de interpretação, confirmou-me repetidamente que Fernando Pessoa «conhecia a obra de George Sorel, que em certos pontos lhe merecia concordância e apreço» (carta particular a mim endereçada), precisamente esses apontados nessa interpretação.

A instâncias suas, Pedro Teixeira da Mota redobrou esforços e acabou por encontrar no espólio de Pessoa uma referência a Sorel e um dos seus livros — *Les Illusions du Progrès*.

Esta concepção do mito como construção racional e da verdade como «escolha» parecem-me ter implicações fundamentais na hermenêutica pessoana, sobretudo porque revelam uma mundividência muito mais articulada do que todo esse discurso da fragmentação nos quer propor. Mas isso é ir longe de mais num artigo desta natureza.

Para já, dar-me-ia por muito satisfeito se pudesse ajudar a convencer os leitores de que Pessoa é muito mais inteligente do que esse louco visionário criador de impérios espirituais ou linguísticos que neste Portugal já sem impérios e sem mitos colectivos parece ter-se gosto em recuperar. ■

SEXTO

D. DINIS

Na noite escrevi em São Carlos de Antigo
O pintador de não a lavar,
E hoje um silêncio marmíneo corougo,
E a tumba das pedras que, como um trigo,
De imperas ondillam sem se poder vir

Arrasto, esse cantar, jovem e puro,
Busco o oceano por achar;
E a fala dos pedras, marmílo obscuro,
E o som presente desse meu futuro,
E a voz da terra ausando pelo mar.

A «Mensagem» segundo Jorge Martins

«Recriar» a *Mensagem*, de Fernando Pessoa, em desenho(s)? Esse parece ter sido o desafio que a si próprio se lançou Jorge Martins. Um desafio tão difícil quanto aliciante, que o pintor — há bastantes anos radicado em França, mas sempre bem ligado a Portugal — conseguiu vencer com imaginação e brilhantismo.

Sem, obviamente, pretender fazer uma «ilustração» ou transposição naturalista dos

poemas e/ou das figuras históricas evocadas, Jorge Martins consegue dar a beleza e a força misteriosas da *Mensagem*, com os seus símbolos, sinais e mitos, através de desenhos a preto e branco, cheios de tonalidades expressivas, em que o traço solto, os arabescos e as formas geométricas se combinam e equilibram manificamente.

Mais: Jorge Martins logrou transmitir o clima da obra pessoana, afirmar a específica lin-

guagem do desenho e do mesmo passo fazer com que o(s) desenho(s) e o(s) poema(s) constitua(m) um todo. O que é mais nítido, e em geral ainda melhor conseguido, nos casos em que o desenho se alarga ou estende, *respirando* sem limites, pelas duas páginas face a face, com o poema integrado no seu espaço. São tantos os desenhos como os poemas (44), sendo sete os casos em que tal se verifica, permitindo-nos des-

taçar «D. Afonso Henriques», «D. Dinis», «O Bandarra» e «Tormenta». Excluído «O Quinto Império», espécie de «tertium genus», com o poema em duas páginas e um desenho em cada uma delas, nos restantes casos o poema aparece na página par e o desenho na ímpar.

Obra graficamente cuidada, impressa em papel couché, formato 31×43 cm, a sua tiragem é de quatro mil exemplares,

dois mil no Círculo de Leitores, para venda em «book club», outros dois mil nas Publicações D. Quixote, para o circuito comercial normal. Os originais dos desenhos estão expostos na Galeria EMI/Valentim de Carvalho, sendo de salientar que eles são de 1984, quando se assinalou o cinquentenário da publicação de que foi o único livro de Pessoa saído em sua vida — só que o projecto de edição de 84 (da Imprensa Nacio-

nal/Casa da Moeda) acabaria por não se concretizar. ■

J.C.V.

Fernando Pessoa/Jorge Martins
Mensagem
130 págs. Lisboa 1988.
Edição Círculo dos Leitores
(4200\$00, só para sócios) e Publicações D. Quixote (6500\$00)